



FÔLEGO

LUCAS VERZOLA

Quando a porta se abria e um feixe de luz invadia o quarto, meu corpo gelava, meus pelos se arrepiavam, meu coração disparava, meus olhos se arregalavam e depois fechavam bem forte como se fosse pra reforçar a figa bem apertada que eu fazia em cada mão pra que não fosse eu o escolhido da noite nem nenhum dos amigos mais próximos, se bem que tinha noite que não só eu torcia para que não fosse eu nem os amigos mais próximos como também desejava que alguém fosse levado, geralmente um descontrolado que gritava pra dedêu ou um interno mais violento que ameaçava a nós, um grupo que, ainda que extremamente rotativo, costumava abrigar os loucos mais calmos do lugar, o que era um grande trunfo já que nos fazia passar despercebidos aos olhos dos enfermeiros – ou cães de guarda, como os chamávamos –, que sempre procuravam casos considerados extremos para levarem ao primeiro andar, onde as amarras eram mais apertadas, os sedativos eram mais fortes, os choques eram mais potentes, e de onde, diziam os cães, os meninos saíam direto para a casa dos pais, o que intrigava a todos, e intrigava tanto que o dezessete (tínhamos números, não nomes) forçou uma crise aguda pra ser levado pra lá e, quem sabe, voltar pra casa, o que nunca soubemos se de fato aconteceu porque nunca mais vimos o sujeito, todavia, se fosse pra apostar, diria que essa estória de casa dos pais não passava de conversa pra boi dormir, não só por ter aprendido a considerar mentira tudo que de bom eles falavam, mas porque o trinta e seis e o catorze nem família tinham e evaporaram logo depois que foram ao primeiro andar pelas mãos do enfermeiro Afrânio, um nojento de bigode ruivo parecido com o EufRASINO do Pernalonga, que cheirava a formol e tinha o jaleco sujo daquilo que tinha certeza ser sangue seco, e devia mesmo de ser, já que ferida aberta era extremamente comum, e mais comum ainda era que elas se infeccionassem, se espalhassem por uma grande área, soltassem pus e outros líquidos que deixavam o ambiente mais fedido ainda, servissem de incubadora de vermes, culminando quase sempre em graves problemas como cicatrizes na epiderme, deformação e amputação de membros e até na morte de alguns dos meninos, algo que, para o bem ou para o mal, aprendíamos a encarar com normalidade quanto mais tempo passávamos lá, mesmo que nunca soubéssemos ao certo quanto tempo estávamos internados, já que não havia contagem oficial e nossa tentativa de calcular os dias com rabiscos na parede, quatro linhas na vertical e uma na diagonal a cada cinco dias, foi frustrada quando levaram dois dos nossos para o primeiro andar para a incredulidade geral, porque é difícil pra chuchu acreditar que uma mera tentativa de medir a passagem do tempo fosse causa para soluções tão drásticas, que, aliás, foram se tornando cada vez mais corriqueiras a ponto de um simples feixe de luz transpassando por uma brecha entre a porta e o batente gerasse tanto medo, ainda que ele nunca tivesse se concretizado em perigo de fato pra mim, que sobrevivi enquanto sucumbiam os que estavam em minha volta, talvez por falta de força na figa ou, quem sabe, por terem desistido nem que fosse lá no inconsciente, algo que eu nunca me permiti



nem com a dor de centenas de volts entre dois eletrodos instalados nas têmporas nem com a dor dos golpes certos dos cães nos alvos mais fáceis dos corpos franzinos de pobres crianças nem com a dor da fala dura de quem me dizia ser minha loucura culpa da puta da minha mãezinha que sífilis não pegava se fosse moça direita nem com a dor de ver os amigos sendo levados pra não voltarem jamais, pra serem esquecidos, pra desexistirem, como poderia ter acontecido comigo ainda que eu resistisse, ainda que eu lutasse, ainda que eu fizesse a figa mais forte do mundo, e é por isso que escrevo: como forma de continuar resistindo e existindo, ainda que tão longe daquele lugar, para que não se esqueçam jamais.